

**DO ÍDION AO IDIÓTES: A ESCRITA POLÍTICO-FILOSÓFICA
DE LEANDRO KONDER, VOLTADA AO COTIDIANO**

Antonio Carlos Ribeiro (UFT)

antoniocarlosrib@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizp Peel@uft.edu.br

RESUMO

Este artigo opinativo de Konder aprofunda reflexões sobre o dilema *ídon-idótes* na formação do indivíduo, destacando a comunidade, a relação com o outro, o isolamento, o caos intelectual, o sofrimento próprio e o do outro, o reencontro com o outro pelo diálogo; os conflitos e a maturidade; o crescimento e a atuação do sujeito na transformação da sociedade; e o reconhecimento da comunidade. Desse modo, os grupos humanos (comunidades, associações, entidades etc.) desenvolvem a capacidade de contribuir para a consciência do humano e do poder que emana do povo. E aquela pessoa que cresceu com a comunidade à sua volta se orgulha de voltar e disponibilizar o seu trabalho.

Palavras-chave:

Comunidade. Diálogo. Indivíduo. Konder. Atuação Profissional.

1. Introdução

A obra de um autor pode ser avaliada a partir de parâmetros diversos. Pode ficar circunscrita à sua área de formação específica, desenvolver os temas que julgar mais relevantes, separar excertos para eventos acadêmicos e temáticos, aprofundar a pesquisa num aspecto nunca antes discutido por outro, entre muitas outras formas de expor o olhar abrangente, com as ampliações que decidir debater, ou pontos específicos a serem realçados, conforme o momento, a temática em tela ou o apreço de estudiosos daquele campo.

Decidimos analisar, neste texto, sob a perspectiva do Gênero Textual, as diversas tipologias textuais, escolhendo entre as diferentes formas que o texto pode assumir. Isso significa que os leitores, ao se depararem com o texto, ambientar-se-ão nas diferentes possibilidades comunicativas que o tema oferece, e logo se depararão com aspectos constitutivos do texto – que podem divergir do objetivo e da abordagem do autor – e, conseqüentemente, da finalidade do texto, que é argumentar com o leitor e adotar uma linguagem convincente.

O texto escolhido para esta análise vem da lavra de Leandro Konder (Petrópolis-RJ, 1936-Rio de Janeiro-RJ, 2014), filósofo marxista brasileiro, escritor, com publicações em periódicos especializados e no *Jornal do Brasil*, além de professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e com publicações de vários livros, cobrindo diversas áreas da Filosofia e da Ciência Política, a serem consultadas nas referências.

Mesmo com toda essa abrangência em termos de conhecimento, Konder sempre foi um intelectual com um olhar sensível para seu tempo e para o lugar de onde aprofundou essa leitura diversa e meticulosa, sem negar a observação cotidiana da cidade – seus conflitos, dramas e grandes avanços, nem se reservar a um olhar intimista, presunçoso ou desrespeitoso dos cidadãos dos diversos bairros da cidade, contato com seus alunos ou com a leitura dos jornais, com seus quebra-luzes em relação ao noticiário, ou ainda tematizando os integrantes desse imenso redemoinho de pessoas, sentimentos, sofrimentos e conquistas. Sem cansar o olhar ou perder o esforço do enquadramento da visão das pessoas, em perspectiva humana.

Propomos dar passos medidos, sentidos e numa cadência que nos possibilite perceber a sucessão regular de sons ou movimentos. Sem eles, perdemos o ritmo proposto pelo autor, cuja intenção é nos balançar de forma suave, lidar com dilema humano no movimento pendular entre o *ídon* e o *idiótes*, a partir da reflexão proposta, incluindo seu efeito sobre nós mesmos.

Os passos que apresentamos neste texto refletem as etapas de uma exposição feita em slides do texto de Konder, cujo título coincide com as cinco primeiras palavras de nosso título.

2. *Passos entre o ídon e o idiótes*

1º passo – O dilema a partir de si mesmo



A capa da apresentação deste artigo se mostra, em relação ao conteúdo, equivocadamente certa. Com o correr da leitura, esse fato deve ficar mais claro, especialmente quando o autor assume as perspectivas humanistas, na mesma época em que manifestações na maior parte dos países pediam que os EUA não comesçassem novo conflito armado, evitando a Guerra do Iraque; o presidente norte-americano George W. Bush fechava os ouvidos e continuava a saquear petróleo.

Como se trata de um texto filosófico, a atenção é fundamental para a leitura e para a compreensão da dissertação, expressa de forma expositiva e argumentativa, visando persuadir e convencer o leitor, sem desprezar as imagens, assim como seu enquadramento e recorte, na composição da tela.

2º passo – Diferença e semelhança para avançar



Ao colocar esses prolegômenos, Konder erige critérios básicos e decisivos. Se os parceiros querem efetivamente dialogar, precisam se dispor a viver relações lógicas e interativas, além da disposição de lutar pela verdade, que os gregos chamavam *Parresía* (*παρρησία*). Ou podem cancelar a oportunidade. A imagem do fio multicolorido, cruzando os dedos, aponta para a disposição do esforço comum na busca da verdade. Isso exige coragem e lealdade, especialmente na capacidade de argumentar, sem atropelar o parceiro, até porque sua presença é fundamental para a construção de raciocínio consistente.

3º passo – Do *idion* à construção social de si mesmo



Para este passo é preciso mais que o compromisso de honestidade e respeito com o parceiro. É preciso que cada um saiba exatamente quem é, sua unicidade – fundamental à sua personalidade, construída coletivamente – quem não considera essa etapa, constrói a imagem de si para si, fica refém dela, sem a referência da comunidade. Ademais, quem desrespeita a parte constitutiva da sociedade em sua formação, desconsidera todo o aprendizado, a duras penas, que contribuiu para sua personalidade – esse conjunto cultural do qual é fruto (sua visão, percepção, em última instância, sua leitura da realidade) da qual é parte.

4º passo – De si ao outro, em comunidade



O cânon (mensuração), para estabelecermos nossa inserção na realidade, exige que o autor não se atenha apenas ao recurso dissertativo-argumentativo, mas utilize também o dissertativo-expositivo – um gênero bastante comum para quem ousa expor as opiniões em jornais, revistas e enciclopédias, impressas ou digitais – que expõe um ponto de vista, sem o ânimo de convencê-lo a assumir sua leitura do tema

5º passo – Das oportunidades à escolha de um grupo

Um se integra ou entregaria em partidos políticos, outros à outras religiões, muitos se comprometem em pertencer a um clube de futebol ou a uma escola de samba, alguns se dedicam a associações de um clube ou membros de uma corporação profissional. Isso pode ser bom ou pode ser ruim, dependendo do espírito com que o sujeito vive sua pertença à pequena comunidade: com espaço para a tolerância, o diálogo e o humor.



As generalizações que ele sugere, para integrar-se a uma ou mais comunidades, indicam isso. E propõem três virtudes para lidar em qualquer dos ambientes mencionados: tolerância, diálogo e humor.

6º passo – Da *koinonía* à desmedida humana (*hybris*)



Mas há gente que se recusa a participar de qualquer atividade e insiste em ser apenas um indivíduo isolado. O grego pago por esse espírito individualista drástico costuma ser alto. O sujeito posto em estado de pânico pode pensar que está desenvolvendo uma reflexão original, profunda, enriquecedora, no entanto pode estar somente emburrecendo, por falta de interlocutores. Vale a pena lembrarmos que os antigos gregos já alertavam para esse risco: no idioma deles, o superlativo de *koinonía* (singular) era *klébor*.



Sendo os textos dissertativos simplesmente expositivos, ou determinadamente argumentativos, entendendo alguns que esta é sua principal finalidade, deve-se sempre admitir a contradição (*contradictio*), a possibilidade de que alguém não se convença, conteste, e até rejeite.

A pessoa tem até o direito de seguir o caminho proposto pelo autor, assumindo os riscos, convencida de que sua proposta é “original, profunda, enriquecedora”. Possivelmente não consiga avançar, apoiado pelas certezas absolutas, que quase sempre se agravam quando chegam ao tempo superlativo.

7º passo – Da fuga de si ao idiôtes



O indivíduo singular é formado socialmente, ele se individualiza na relação com os outros. Sua singularidade (originalidade ?) se desenvolve com base na incorporação crítica das experiências alheias, num movimento incessante de ir ao outro para crescer. O *alíon* é o sujeito que, isolado em si mesmo, se sente dispensado de qualquer esforço de autopercepção.

Se ele rejeita o texto dissertativo-argumentativo, por não se dispor a ouvir a opinião alheia, não quer ser convencido e não se dispõe a concordar com a tese defendida. Mesmo sendo a sua, mas verbalizada por outrem!

Mesmo que o texto dissertativo-expositivo não tenha a pretensão de convencer o leitor, deve fazê-lo refestelar-se ante o que ele entende ser sua completa liberdade. Mas não é.

Ao dispensar-se de ouvir a crítica das experiências alheias, reconhecendo que precisa do outro para crescer, ele mergulha no próprio nada, sentindo-se autônomo, autorreferente, autocrático.

Ao recusar toda e qualquer troca, não dá chances à sua singularidade, perdendo o direito à originalidade. Nega tudo, não troca nada com ninguém, se autoelogia, até não ter nada a dizer.

8º passo – Sofrimento imposto a si e ao outro



A postura do *idiôtes* dispensa qualquer discurso dissertativo, seja ele expositivo ou argumentativo, já que para ele o outro não existe. Ele se arroga o direito de negar, não reconhecer, excluir do campo de visão, afastar. Ao reinar sozinho e absoluto, qual sol no firmamento, esforça-se para reduzir o multiverso novamente ao universo, único espaço em que ele pode voltar a respirar a partir de sua visão de unicidade.

9º passo – Do reencontro com o outro pelo diálogo



Qual pode ser a resposta à visão unívoca, excludente, isolada e ensimesmada? Dialogar. Ousar dirigir-se ao outro. Insistir em buscar respostas. Fazer uma autocrítica. Estabelecer a possibilidade de humanização para si e para o outro.

De volta ao discurso argumentativo, deve se dispor à intenção comunicativa como instrumento para relacionar-se com o outro, ou muitos outros – caso o texto seja publicado, ou o depoimento divulgado na TV, ou exposto em mídia digitais, proporcionando que outras pessoas integrem o diálogo, ampliem-no, expandam a troca e filtrem as conclusões para si e para a comunidade.

10º passo – Companheiro-parceiro-colega ou intolerante-fanático-azedo?



A autocrítica e a possibilidade de plena humanização do outro têm impactos no cotidiano, nas relações profissionais e principalmente diante dos grupos com os quais essa liderança se relaciona. Essa ética pessoal precisa atenuar tensões, maturidade, lealdade, evitar os fanatismos e propor entendimentos, em vez de mal-entendidos. Deve observar a comunidade de onde veio, avaliar propostas e apresentar alternativas e soluções. Isso é possível quando se tem uma visão adequada da própria comunidade e pode contribuir com reflexões mais amplas sobre o continente, o país, as regiões, afunilando até os municípios.

11º passo–Atuar na transformação da sociedade



Esse texto dissertativo (expositivo e argumentativo) propõe debater o papel do indivíduo, desde a percepção do próprio eu (*ídion*) até o conjunto da história humana, da qual é parte e na qual intervém. Por isso, a maturidade possibilita a ação e pensamento sem estreitezas ideológicas, que criam a capacidade de pensar a experiência da vida humana como um pêndulo, que parte de si, vai ao outro, aos muitos outros e depois retorna a si, gerando avanços e conquistas.

12º passo – E a comunidade se orgulha de seu representante



Desse modo, os grupos humanos (comunidades, associações, entidades etc.) desenvolvem a capacidade de contribuir para a consciência do humano e do poder (*kracia*) que emana do povo (*dêmo*). E aquela pessoa que cresceu com a comunidade à sua volta, orgulha-se de voltar e disponibilizar o seu trabalho.

3. Considerações finais

Os gêneros textuais, dos quais surgem os textos dissertativos, que podem ser expositivos ou argumentativos, obedecem conseqüentemente às exigências de informar e esclarecer o leitor pela exposição clara de um tema, o primeiro, e o de dissertar sobre um ponto de vista, o segundo; com o objetivo de persuadir o leitor através de argumentos convincentes, a partir da tese defendida.

Tal foi o esforço feito pelo filósofo Leandro Konder, dedicando-se a um tema de preleções apresentadas a seus alunos de Filosofia do Direito e Ciências Políticas, a partir de critérios éticos e consistentes.

Com esse texto, publicado no *Jornal do Brasil*, Caderno B, no dia 7 de setembro de 2002, pudemos ‘passar’ pela reflexão sobre o ser humano em busca de seu papel frente à comunidade que o gerou e à qual quer mostrar o resultado do esforço realizado.

Os passos indicam as etapas ultrapassadas que mostram o dilema (*ídion-idiótes*) a partir de si, a diferença e semelhança para o avanço: do *ídion* à construção de si mesmo; de si ao outro pela via da comunidade; das oportunidades à escolha do grupo; da *koinonía* à desmedida (*hýbris*); da fuga de si ao *idiótes* – sofrimento imposto a si e ao outro; do reencontro com o outro pelo diálogo; do companheiro-parceiro-colega ao intolerante-fanático-azedo; do comportamento egoísta à atuação na transformação da sociedade; da alienação ao serviço prestado à comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Leandro Konder:

A Cidade de Cada Um. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

A democracia e os comunistas no Brasil. 1980.

A derrota da dialética. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

A morte de Rimbaud. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

As artes da palavra: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

Barão de Itararé. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Bartolomeu. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1995.

Em torno de Marx. São Paulo: Boitempo, 2010.

Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2006.

Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

Fourier, o socialismo do prazer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Histórias das ideias socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

Intelectuais brasileiros & marxismo. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

Introdução ao Fascismo. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

Kafka: vida e obra. José Álvaro, 1966.

Marx: vida e obra. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

Marxismo e alienação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

Memórias de um intelectual comunista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

O marxismo na batalha das ideias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Os Marxistas e a Arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Os sofrimentos do homem burguês. São Paulo: Senac, 2000.

Sobre o amor. São Paulo: Boitempo, 2007.

Walter Benjamin: O Marxismo da Melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1988.